

(RE)SIGNIFICAÇÃO DA SOLIDARIEDADE EM TEMPOS DE CONFINAMENTO: ALGUMAS REFLEXÕES

(RE)SIGNIFICATION OF SOLIDARITY IN TIMES OF CONFINEMENT: SOME REFLECTIONS

Lilian Bambirra de ASSIS¹

Recebido em: 27/05/2020

Aceito em: 06/05/2020

RESUMO

Objetiva-se com essa pensata refletir sobre o significado e os desdobramentos da palavra solidariedade. Tal termo tem ganhado destaque nas últimas semanas diante da mobilização da sociedade civil, empresas públicas e privadas. Nosso propósito é ampliar a compreensão do termo, suas formas de manifestação e alguns pontos menos óbvios, o que nos leva a (re)significá-lo.

Palavras-chave: Solidariedade. Habermas. COVID-19. Confinamento. Psicanálise.

ABSTRACT

The objective of this article was to reflect on the meaning and developments of the word solidarity. This term has gained prominence in the last weeks due to the mobilization of civil society, public and private companies. Our purpose is to broaden the understanding of the term, its forms of manifestation and some less obvious points, which leads us to refine it.

Keywords: Solidarity. Habermas. COVID-19. Confinement. Psychoanalysis.

¹ Doutora em Administração - Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do CEFET-MG e chefe do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas.

(RE)SIGNIFICAÇÃO DA SOLIDARIEDADE EM TEMPOS DE CONFINAMENTO: ALGUMAS REFLEXÕES

Durante o confinamento do COVID-19, um tema vem crescendo no debate e chamando a atenção de toda a sociedade: a solidariedade. O termo vem do francês *Solidarité*, cunhado em 1765, e significa responsabilidade mútua. No latim, *Solidus* significa firme, inteiro, sólido. Comumente associada ao âmbito jurídico, solidariedade tem um sentido de obrigação solidária ao outro.

Habermas (2002) abordou o tema, ao desenvolver o conceito de forma complementar à justiça. Ele define a solidariedade como um princípio que seria a forma em que os sujeitos, ligados por uma intersubjetividade, praticam a cooperação com o objetivo de preservarem a liberdade, a integridade física e o respeito pela vida. A base, segundo o autor, é a experiência que cada um tem ao fazer-se responsável pelo outro. Mas, o que motiva o ser humano a exercer esse papel?

Sem dúvida essa responsabilidade revela um narcisismo, não como termo egoísta, mas como um ser que se vê refletido no outro. Sem essa empatia pelo outro, talvez o que restaria à humanidade seria a perversão e a barbárie. O ser humano pode ser dicotômico, realizando sua bondade ao mesmo tempo em que satisfaz seus desejos mais ocultos, mas em essência é isso que mantém a própria dinâmica da sociedade. Isso significa que, mesmo que as motivações para ajudar ao outro decorram de uma ajuda a si próprio ou um campo pulsional, essas causas não diminuem a importância de que a solidariedade aconteça, uma vez que ela auxilia a manutenção da própria sociedade.

É esse o sentido que será discutido nessa pensata. Muito embora a solidariedade possa desvelar ou evidenciar as mazelas e as diferenças entre classes, e isso torna evidente vários problemas que o capitalismo nos coloca, fato é que, inegavelmente, os sujeitos tem sua possibilidade de escolha. Ou seja, ainda que a existência de grupos com condições financeiras e emocionais de auxiliar outros evidencie privilégios de classes sociais, os grupos favorecidos poderiam escolher não praticar ações solidárias. As mazelas do capitalismo, nesse sentido, não diminuem a importância da escolha de se praticar as ações de solidariedade.

O tempo de confinamento é um convite à redução, ou tentativa de redução do ritmo em que a vida acontece. Convite porque não são todos os que podem ter o privilégio de fazer a quarentena. As próprias comunidades, com espaços físicos reduzidos, condições muitas vezes precárias, sem apoio do governo para cumprir com as necessidades mais básicas e que precisam manter seus lares, se veem impelidas a continuar em seu ritmo de trabalho. Afinal, quem pode fazer a quarentena? Em contrapartida, há de se considerar que muitos dos que podem aderir à quarentena observaram a intensificação do teletrabalho. Mesmo diante desse paradoxo vivenciado de forma desigual pelas partes, estamos sendo convocados a refletir sobre o essencial na vida. Do que realmente precisamos para viver? Esse processo reflexivo, é um convite para pensarmos tanto sobre o consumo exacerbado, quanto sobre a cadeia de produção que envolve os produtos que adquirimos. Se por um lado temos um excesso que invade, podemos apontar para as possibilidades de uma corrente de solidariedade que emerge em situações como a que estamos vivendo. Como exemplo podemos citar movimentos que privilegiam produtores locais, artesãos, pequenos empreendedores, cooperativas, ou seja, a base local de produção. Nesse sentido, os grupos de *whatsapp*, redes sociais e os meios de comunicação em geral, tem ajudado a divulgar e conscientizar o consumo.

Em tempos de influenciadores digitais, de *youtubers*, de jogadores de futebol milionários e outras frivolidades que adquirem destaque em um cotidiano que tenta nos impelir à transformar o privado no público, e a vender uma imagem de felicidade, do belo e do sucesso, a ciência parece ter também conseguido um papel de destaque e interesse pela sociedade. O protagonismo da ciência, que nos últimos anos vinha perdendo seu lugar, tem sido colocado como a salvação do futuro. A esperança de que tenhamos uma vacina para nos livrar do vírus, um remédio para curar quem o pegou, faz com que *lives* de epidemiologistas, por exemplo, recebam mais de um milhão de acessos dessa sociedade do espetáculo.

O que importa de fato para essa sociedade? O que é mais importante e deve ser valorizado? Não que as frivolidades não possam fazer parte de um cotidiano mais leve, mas a ciência, o conhecimento e a pesquisa são fundamentais e nesse momento, ganham destaque. Há que se ressaltar que o conhecimento que vem sendo aplicado hoje pelos profissionais envolvidos nessas questões, é fruto de muito estudo, dedicação e pouca valorização, inclusive a financeira. Nesse sentido, existe uma solidariedade desses profissionais que há anos dedicam suas vidas à pesquisa e à ciência sem qualquer tipo de reconhecimento, inclusive o financeiro. Se compararmos os salários de um jogador de futebol com o de um pesquisador ou professor, observamos que talvez as escolhas desses últimos demonstrem ações solidárias não apenas momentâneas, mas reflexo de uma vida inteira. Essa reflexão é um convite para que possamos ampliar o entendimento e perspectiva de análise sobre a solidariedade em tempos de COVID-19.

Temos observado uma mobilização conjunta entre instituições de ensino, empresas privadas, sociedade civil e governo na construção de hospitais de campanha, doações milionárias de organizações privadas. Ao mesmo tempo temos *lives* de artistas que arrecadam milhões, ajuda de instituições para que pessoas carentes tenham acesso ao auxílio do governo, fabricação de equipamentos de segurança, alteração da linha de produção de empresas para fabricação de respiradores, recrutamento e seleção de profissionais de saúde para atender a uma demanda latente, dentre tantos outros exemplos.

Mesmo assim, tudo parece insuficiente diante da magnitude do incerto. Uma sociedade acostumada a lidar com tantas certezas, a vender o previsível, viu-se diante daquilo que é real e temeroso: a falta de controle. A natureza escancarou a fragilidade da vida humana. Freud já dizia que, o poder devastador e implacável das forças da natureza é uma das três fontes de sofrimento que ameaçam o ser humano. As outras duas são a ameaça de deterioração e decadência que vem de nosso próprio corpo e o sofrimento advindo das relações entre os humanos. E a ciência diante do incerto, torna-se a grande aposta para controlar a natureza.

Diante de tanta fragilidade vemos muitas pessoas fazendo escolhas diárias, tendo ações e atitudes solidárias. A solidariedade não está restrita ao aspecto financeiro e a grandes doações, como os meios de comunicação tem enfatizado. Não se apresenta apenas na manutenção do salário do empregado que fica em casa, nas vaquinhas que são mobilizadas por sujeitos para causas específicas, nas palmas que acontecem em um determinado horário voltadas aos profissionais de saúde, mas está também em gestos e ações menos tangíveis. Há grupos, por exemplo, de escuta. Pessoas que dedicam seu tempo a ouvir a dor do outro e a tentar ajudar dentro do possível. Há grupos que entregam alimentos e produtos de necessidade básica. Há grupos que saem nas ruas para orientar a população sobre medidas de higiene.

Por outro lado, não podemos nos esquecer que durante o confinamento crescem os casos de agressão a mulheres, crianças e a população de risco em geral. Doar dinheiro para cestas básicas e ajudar na sua distribuição, mobilizar redes de relacionamento para ajudar não é mais

importante do que denunciar agressões, do que escutar as pessoas e ajudá-las a (re)significar seus problemas e trazer algum tipo de conforto. Não precisamos ser solidários apenas com grupos grandes, mas podemos ser solidários com cada ser humano, seja ele próximo ou não. Seja em um telefonema, uma mensagem, uma foto, uma palavra, uma ação de cuidado.

A solidariedade passa pela valorização e reconhecimento do trabalho do outro, seja ele remunerado ou não. O confinamento tem nos permitido conviver mais conosco e com alguns familiares. Temos a oportunidade de valorizar o trabalho dos professores, das diaristas, das mães que se dedicam integralmente aos afazeres domésticos. Espero que, ao se pensar o conceito de solidariedade, não sejamos hipócritas ao valorizar apenas o grande e o externo. Ao contrário, que ela comece e seja despertada para atividades não remuneradas adequadamente pelo capital. O solidário vai além de mim, vai além do meu desejo mais íntimo. Para ser solidário é preciso considerar que existe o outro. Existe um outro para além do meu umbigo, do meu próprio narcisismo.

De tudo que estamos vivendo, espero que as pessoas se despertem para a solidariedade e que isso passe pelo autocuidado e pela saúde mental. Que esse tempo possa ajudar a humanidade a redescobrir o essencial, aquilo que realmente importa. Que possamos perceber as várias possibilidades em que a solidariedade se manifesta, incluindo ações pequenas e diárias.

Sem teorizar demais, mas parafraseando Habermas (2002), que a solidariedade seja a felicidade dos companheiros irmanados em uma forma de vida intersubjetivamente compartilhada, e deste modo também à preservação da integridade dessa forma de vida.

REFERÊNCIAS

HABERMAS, J. Uma visão genealógica do teor cognitivo da moral. *In: A inclusão do outro: estudos de teoria política*. Tradução de George Sperber e Paulo Astor Soethe. São Paulo: Loyola, 2002.